



DE VARIEDADE E CANÇÕES: UMA LEITURA DO PERIÓDICO A CANÇONETA (1902)

OF VARIETY AND SONGS: A READING OF THE JOURNAL A CANÇONETA (1902)

Luciana Marinho do NASCIMENTO¹

Jorge Eduardo MAGALHÃES²

RESUMO

No presente texto, temos por objetivo estudar o periódico *A Cançoneta* (1902). Publicação quinzenal. Jornal de Família, observando aspectos relativos à dimensão pedagógica desse impresso, por meio do riso e da pilhéria, além de estudar outros aspectos relacionados à modernidade do início do século XX, tais como a moda, o entretenimento e os folhetins. *A Cançoneta*, circulou no Rio de Janeiro e teve seu primeiro número publicado em 08 de março de 1902. Entretanto, só foram encontrados 2 números do periódico nos acervos da Biblioteca Nacional, a edição de número 1 e de número 3, de 15/05/1902.

Tratou-se de um trabalho de cunho documental aliado a uma bibliografia teórica, cujos principais textos de sustentação teórica foram Hobsbawm (1995); Anderson (2008); Berman (1986); Saliba (1999) e Nascimento (2010).

PALAVRAS-CHAVE

Periódico; *A Cançoneta*; modernidade; cidade.

ABSTRACT

In the present text, we aim to study the periodical *A Cançoneta* (1902). Quinzenal publication, Family newspaper, observing aspects and pedagogical dimension of this printed material, through laughter and jokes, in addition to studying other aspects related to the

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. E-mail: zen.sansara@uol.com.br.

² Doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. E-mail: jemagalhaes@yahoo.com.br.

modernity in the beginning of the 20th century, such as fashion, entertainment and serials. *A Cançoneta*, circulated in Rio de Janeiro and had its first issue published on March 8, 1902. However, they were found only two issues of this periodical in the collection of the National Library, the edition number 1 and number 3, of May 15, 1902.

It was a documental work combined with a theoretical bibliography, the main texts of theoretical support were Hobsbawm (1995); Anderson (2008); Berman (1986); Saliba (1999) and Nascimento (2010).

KEYWORDS

Periodical; The Cançoneta; modernity; City.

INTRODUÇÃO

O alvorecer do século XX foi marcado pelo signo da modernidade³ que já vinha sendo pensada desde os séculos anteriores e a imagem do turbilhão tornou-se bem representativa deste século, pela força e emergência da novidade tal como se infiltrou no imaginário social, como afirma Marshall Berman, o que corrobora da visão de Eric Hobsbawm (1995) que assinalou ter sido o “século da história.” O século XX foi, sem dúvida, um importante marco no campo dos saberes, inaugurando, assim, um período que teve como centro a produção do conhecimento. Foi no bojo dessa modernidade que se desenvolveram uma paisagem industrial, os bondes, o trem-de-ferro, a cidade e a imprensa.

Na esteira do capitalismo do século XIX foram delineadas as distinções entre as esferas pública e privada, sendo que a sociedade burguesa havia se estabelecido como esfera pública e o florescimento dos mais variados periódicos, com circulação de informações e ideias que traziam em seu âmago uma representação discursiva de um projeto civilizatório (SENNETT,

³ A partir da origem da palavra “moderno”, pode-se entender o sentido que foi incorporado a ela nos séculos XIX e XX. O termo “*Modernus*” é derivado dos radicais latinos “modus” (recentemente, atual) e “hodiernus” ou “hodie” (hoje), significando “o que está na ordem do dia, na época atual”. (NASCIMENTO, 2011, p.29.).



1988) para formação de uma nação moderna. Cabe ressaltar que a imprensa periódica tem papel relevante na formação da sociedade moderna, auxiliando, sobremaneira na construção da nação enquanto “comunidade imaginada”, como bem postulou Benedict Anderson, pois constitui, “uma das primeiras formas de empreendimento capitalista, o setor editorial teve de proceder à busca incansável de mercado, como é próprio ao capitalismo.” (ANDERSON, 2008, p. 72).

Nesse sentido, os periódicos constituíam uma espécie de reverberação da cultura secular e também como espaço do desenvolvimento da “Cidade das letras”⁴, ou seja, campo de atuação dos escritores, os quais passaram a ter uma atuação como “homens de letras” nas páginas dos jornais, o que concorreu significativamente para a profissionalização do escritor: “O casamento entre imprensa e escritores era perfeito. Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos” (PENA, 2008, p. 32).

No Rio de Janeiro se difundiram diversos periódicos destinados aos mais distintos nichos do público, dentre eles o *Jornal A Cançoneta*. Jornal da família, de propriedade de Ernesto de Souza. O recorte temporal realizado neste estudo se situano ano inaugural, ou seja, o ano de 1902 – 1^o e 3^o números, por motivo de indisponibilidade de outros números nos acervos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

1. ENTRE RISOS E CANÇONETA

Os primeiros anos do século XX foram marcados por muitas dúvidas e incertezas, principalmente quando se refere ao âmbito político e econômico, com uma República, instaurada há pouco mais de duas décadas, que trouxe muita desconfiança, por parte da população. No campo artístico europeu,

⁴ RAMA, 1985.



marcou-se um período de grande entusiasmo, chamado de *Belle Époque*, onde se destacou a indústria do entretenimento e as novas formas de sociabilidade, com a frequência aos cafés, teatros, óperas e confeitarias, o que se espalhou para muitos outros lugares do mundo, como foi o caso do Brasil e da América Latina.

No Brasil, no ano de 1902, vivíamos o último ano do governo de Campos Sales, que seria substituído por Prudente de Moraes, em novembro daquele ano, o que causou muitos anseios e questionamentos por se tratar de gestões que priorizavam um determinado grupo oligárquico.

Observemos esta afirmação de Boris Fausto:

A Consolidação da república liberal-oligárquica foi completada com a sucessão de Prudente por outro paulista, Campos Sales (1898-1902). O movimento jacobino esfacelou-se depois de alguns de seus membros terem-se envolvido na tentativa de assassinar Prudente de Moraes. Os militares voltaram em sua maioria para os quartéis. A elite política dos grandes estados, São Paulo à frente, tinha triunfado. Faltava, porém, criar instrumentos para que a república oligárquica pudesse assentar-se em um sistema político estável. O grande papel atribuído aos estados provocou em alguns deles lutas de grupos rivais. (FAUSTO, 2018, p.146).

Nesse trecho de Boris Fausto, conseguimos perceber o clima tenso que predominou no país, durante esse período de transição, de muitos dilemas, quando os militares querem destituir a república oligárquica para retornarem ao poder, ainda existindo admiradores da antiga Monarquia, quando todos esses grupos tinham um projeto de poder, com interesses pessoais e não do desenvolvimento da nação.

Em meio a todos esses dilemas e questionamentos da época, obviamente, noticiados, diariamente, pela imprensa da época, o periódico *A Cançonetinha*



como missão o divertimento e o entretenimento, provavelmente, visando certo alívio, em relação àquele período tenso.

Segundo Elias Thomé Saliba:

Como não havia uma tradição de criação humorística na imprensa diária, no início ela vai sofrer o impacto dos conflitos políticos gerados pela transição da monarquia para a República, sobretudo no Rio de Janeiro. As seções humorísticas ganharão algum espaço nos jornais, acompanhando a disseminação da caricatura, embora a esta seja ritmo mais lento dada a sua dependência dos processos de impressão. Mas o momento de transição pelo qual passa a sociedade brasileira entre a monarquia e a República, com a fermentação dos conflitos e das lutas políticas nos dois primeiros governos republicanos, incentivou uma grande produção cômica, toda ela calcada na exploração de rixas políticas e dos rancores pessoais. (SALIBA, 2002, p.57).

Embora *A Cançoneta* não fosse um jornal de cunho político, nem de um lado nem de outro, pode-se sugerir que acabou herdando os traços humorísticos dos primeiros anos da República, que se estenderam pelas décadas seguintes dos governos oligárquicos. É nesse contexto histórico-social-político-cultural que o nosso objeto, o jornal “A cançoneta”. O riso constitui somente um modo de diversão, mas também um forma de crítica à sociedade, promovendo a inversão da ordem, como bem destacou Bakhtin (2008):

O riso tem um profundo valor de concepção e o mundo é uma das formas capitais pelos quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade sobre a história, sobre o homem; é o ponto de vista particular e universal sobre o mundo que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério; por isso a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais) deve admiti-lo da mesma forma que ao sério: somente o riso; com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo (BAKHTIN, 2008, p. 57)



Como discurso de contestação, o referido periódico traz na sua primeira página da 1ª edição, o então iniciante “A Cançoneta”, uma trova bem humorada, na qual, cumprimenta os diversos jornais, gazetas e outros periódicos que circulavam na cidade do Rio de Janeiro, do recente governo republicano.

Verifiquemos o trecho do periódico:

Não quer saber da vida de ninguém. Si a carne é boa, come; si tem apothemas, não come, põe no lixo; si o Presidente vem de S. Paulo, tome o trem, si de Nictheroy, tome a barca (...) O que a *Cançoneta* não pode deixar de fazer com inteiro empenho é divertir seus leitores. (*A Cançoneta* de 8 de março de 1902, página 1)⁵

Fonte: A Cançoneta,
08 de março de 1902
<http://memoria.bn.br/>



É interessante destacar a cortesia e o respeito, além de deixar claro o seu objetivo de entreter e divertir as famílias, sendo assim, percebe-se o cuidado com as ilustrações compostas por homens de chapéu, bigode,

⁵ Transcrição com a grafia original.

vestidos de terno e gravata, marcando a sociedade burguesa que dominava a imprensa e o comércio, bem como os vários setores da sociedade, conforme podemos perceber no editorial:



Fonte: A Cançoneta,
08 de março de 1902
<http://memoria.bn.br/>

Verificamos que, além da injeção de humor, é notório o rigor gráfico da pontuação, dando ênfase à linguagem mais popular, com farto uso de diferentes tipos de letras e ilustrações que enfeitam as páginas e chamam a atenção dos leitores, apresentando um aspecto de leveza a cada texto, em geral, curtos e divertidos, muitas vezes, com tom pejorativo para os padrões de hoje.

Observemos este trecho do poema “Bilboquet”, contida na página 2, de *A Cançoneta*, reproduzida acima:

Que contraste, diz o Chico,
 Nunca se viu nada igual!
 Só em ver, doente eu fico,
 Um semelhante casal.
 Ella, magra, é só vestido,
 Parece mais uma espiga;
 E julga que tem marido...
 Não é marido, é barriga.
 Já se torna um desaforo,
 Envergonha o sol e a lua,
 Sahe das raias do decoro
 Um homem destes na rua!
 Um pedaço de barbante
 Depressa, gente, me dê
 Que eu vou fazer, neste instante,
 Do casal um *bilboquet*.
 (*A Cançoneta* de 8 de março de 1902, p. 2)⁶

No poema acima, observamos um escárnio, de certo modo, grosseiro, em redondilha maior, comparando um suposto casal a um antigo brinquedo, que consiste em uma esfera de madeira, com um orifício central. A sátira deixa clara a verdadeira intenção do periódico: divertir seus leitores.

Uma fonte clara dos hábitos burgueses do início do século passado é quando lemos a trova “O jockey”, símbolo de status das famílias que tinham o hábito de assistir às corridas de cavalos, compondo ainda as páginas do referido periódico, partituras musicais, conforme podemos verificar:

⁶ Transcrição com a grafia original.

na sala de jantar o criado e o feliz pai atira-se-lhe ao pescoço, dizendo:
— Ah! *seu* Manuel, nasceu o infante! nasceu o infante!

E o *seu* Manuel, sem comprehender aquelle pranto, entra na cozinha chorando e diz á cozinheira:

— Ah! *sra* Maria, que desgraça, o filhito do patrão nasceu um *alphanite*!

Ø JOCKEY

A SENHORITA LUIZA BRITO

(O personagem, sendo senhora, cantará versos de sua autoria, de jergão, empregando expressões e termos, muito esportivos e muito variados. Terá lances pittorescos e chocantes, leve e alegre.)

Tão leve como a penna,
Qual mimosa phalena,
Es sou—sou eu,
O jockey preferido,
Das bellas o querido,
Mimoso camphieu,
As lindas senhoritas,
Elegantes, catitas
Vão lá—lá vão!
Ao prado ver-me airoso
No meu *par-sang* fogoso,
De po, nuvens erguendo,
Como um foracão!

(Falado)

E, enquanto as graciosas senhoritas agitam nervosamente seus lençinhos na archibancada, como um bando de naves ginecitas sobre aquelle oceano de cabeças que se movem em todas as direcções, lá vou eu

(Canta)

Hep! hep! hep!
Preparando o regobefe
Hep! hep! hep!
Vou tocando p'r'o tribofe.

2º

A certa baroneza,
Um primor de belleza,
Servi—servi,
Com tal sinceridade
Que, digo com saudade,
Qual um pachá vivi.
Porém, um certo dia,
O velho, (ai que arrelia)
Pensou—scismou...
Um outro jockey chama,
Eu fui-me esbora e a dama,
Curtida de xualde,
Triste me abraçou.

(Falado)

Mas... também, só para moer o velho barão, todas as vezes que corro, ao signal da partida, fustigo o animal com o chicotinho... e a baroneza com um olhar travesso e

Hep! hep! hep!
etc.

3º

Certa dama, ganhando,
Vinte *pasles* jogando
Em mim—em mim,

Mandando-me chamar
P'ra com ella jantar,
Mandei dizer que sim.
Que bellas petisqueiras,
Queinhos, que fructeiras,
Comi—beli!

Mas que triste surpresa,
Depois da sobremesa,
Quando um pulso de ferro,
Oh! ferro, em mim senti.

(Falado)

Pulei pela janella mais proxima e á noite sonhei que, ao lado de minha encantadora companheira de *matigo* e decepção, em dous velozes ginetes, batiámos a linda plumagem.

Hep! hep! hep!
etc.

NO BOQUEIRÃO

(A JULIO DE FREITAS JUNIOR)

Como é bom de madrugada
Irmos ver a madrugada
Na praia do Boqueirão;
Vestidinha de boffa,
Sem a mais leve etiqueta,
Chinellos, blusa e calção;
Batendo o queixo de frio,
Sob a impressão do arrepio,
Sentada junto á maré;
Fugindo aos pingos teimosos,
Dando uns gritinhos nervosos,
Molhando a ponta do pé.

Dava a vida, nem discuto,
P'ra ser o mar um minuto...

E, quando immersa já a vemos,
Que grande inveja nós tomos
Da vaga que late em si!
Ai! quanto beijinho ardente,
Sem ninguém ver, dava a gente,
Si ao menos fosse um siri...
E o mar cioso borbulha,
Colhendo-a, quando mergulha,
Deixando á tona o chapéu;
Quizéira estar lá no fundo,
Para a tirar deste mundo
E apparecer lá no céu!...

Dava a vida, nem discuto,
P'ra ser o mar um minuto...

Ai! si eu fosse a tal cortiça,
Que á cinturinha roliça
Ella prende p'ra nadar;
Num mar de beijos e abraços,
La afogal-a em meus braços,
La nos seus me afogar,
De suas tranças queiridas
Faria o meu salvavidas;
Quando eu quizesse surgir:
E os meus ardentes anhelos
Prendia nos seus cabellos,
Para de novo immergir!...

Dava a vida, nem discuto,
P'ra ser o mar um minuto...

Si a vejo boiar de costas,
De péz unidos, mãos postas,
Fere-me o peito o pavôr;

Não gósto desse brinquedo,
Tranido fico de medo,
Pois vejo morto esse amor!
E, quando os bracinhos cruzo,
Torcendo as pontas da blusa,
Fugindo aos raios do sol,
Eu penso, mas... não me atrevo,
Meu lenço, cheirando a trevo
Offerecer por lençol.

Dava a vida, nem discuto,
P'ra ser o mar um minuto...

ERNESTO SOUZA.

(Cançoneta-burlesca, que será publicada no proximo numero, com a musica.)

AVENTURAS

DE

JOSÉ FORTUNATO

Monologo comico de Ernesto de Souza, representado com successo no theatro Recreio Dramatico pelo saudoso actor Zefirino de Almeida. O typo deve ser um septuagenario muito chubrega. Vista de sala pobre.



Boa noite, senhores, co'effeito!
Finalmente os encontro reunidos;
Vou massar-lhes um pouco os ouvidos,
Sem faltar ao devido respeito.
(Offensivo rego! E... não é mais? São gentes do tom. (Tombado). Pois permitto, que é para *Morosa*.
Eis-me aqui, meus senhores, e vou
Ninha historia contar-lhes baixinho;
Não se riam do pobre velhinho,
Que ser péde de todos aré,
Pois já tenho setenta completos,
E lhes peço que sejam discretos;
Nasci pobre, pauperrimo, chato!
Tenho sempre vivido em pobreza,
No entretanto não rir com certeza;
— Eu me chamo José Fortunato.
Preferia não ter, (gentes de diabolito), muita musica

Fonte: A Cançoneta, 08 de março de 1902

<http://memoria.bn.br/>

O JOCKEY

Agitando o chicote com chiste

Tão le-ve co-mo a

pen-na qual mi-mo-sa pha-le-na Eu sou Sou

eu O jo-ckey pre-fe-ri-do Das bel-las o que-ri-do

Mi-mo-so ca-ma pben As lln-das se-nho-
ra len tan do a tempo

Trp. Reservada V. M e C. 1028 2-1902

Fonte: A Cançoneta, 08 de março de 1902

<http://memoria.bn.br/>

Além do hábito burguês de frequentar o Jockey, as partituras musicais, publicadas, nas páginas de *A Cançoneta*, indicam o gosto comum entre as moças de família burguesa, em tocar algum instrumento. Modas essas que marcam os gostos, a cultura e as características de uma época.

O próprio título do jornal, em seu significado mais adequado à proposta do periódico, seria uma “canção ligeira”, bem humorada ou espirituosa, por



vezes, satírica. Assim, entende-se que a intenção é mesmo levar as famílias do início do século XX a uma leitura despojada do pesado compromisso de ser “elegante” e fugir dos problemas, já tão evidentes na sociedade, como a política e as questões financeiras.

2. OS ANÚNCIOS: A MARCA DE UMA ÉPOCA

Não podiam faltar os anúncios de medicamentos, tônicos e outros fármacos, além de moda e fotografia, sendo algo restrito a poucos que podiam pagar, dotados de uma forte ligação cultural europeia e aos hábitos burgueses, geralmente, importados, principalmente da França.

É importante destacar que o início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, passava por um processo de transformação, tanto urbanístico quanto sanitário. Iniciou-se, com a República, uma política de higienização da sociedade, que podemos sugerir que teve como marco inicial, a demolição do cortiço Cabeça de Porco, no dia 26 de janeiro, sob a gestão do prefeito Barata Ribeiro, com o respaldo do então presidente da República Floriano Peixoto.

Segundo Sidney Challoub:

As classes pobres não passaram a ser vistas como classes perigosas apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública. Os pobres ofereciam também perigo de contágio. Por um lado, o próprio perigo social representado pelos pobres aparecia no imaginário popular brasileiro de fins do século XIX através da metáfora da doença contagiosa: as classes perigosas continuariam a se reproduzir enquanto as crianças pobres permanecessem expostas aos vícios de seus pais.

(...)

Por outro lado, os pobres passaram a representar perigo de contágio literal mesmo. Os intelectuais-médicos grassavam nessa época como miasmas na putrefação, ou economistas em tempos de inflação: analisavam a “realidade”, faziam seus diagnósticos, prescreviam



a cura, e estavam sempre inabalavelmente convencidos de que só a sua receita poderia salvar o paciente. E houve o diagnóstico de que os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de, naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos. (CHALLOUB, 2017, p. 33-34).

Apesar dessas teorias errôneas e preconceituosas da época, temos uma evidente preocupação com a saúde e com todo um processo de sanitização da sociedade e, com a derrubada das antigas moradias miseráveis, focos de doenças e a modernização da sociedade, quando “as elites brasileiras viviam uma ficção, europeizando seus costumes e hábitos, separando-se da maciça realidade atrasada da maioria da população do país”. (CURY, 1996, p. 46).

Obviamente, tais modificações urbanísticas e sanitárias, em nome do progresso e da higiene, despertou maior zelo, por parte dos cidadãos, com a manutenção de suas perspectivas sociais, quando a medicina ainda vivia em um processo de transição entre o experimental e o industrial.

Dentro desse contexto, uma figura bem presente na época, que atuou como colaborador do periódico, foi Ernesto de Souza que, além de farmacêutico, também era dramaturgo e compositor. Entretanto, foi como industrial no ramo da farmacologia, que Ernesto se destacou, fazendo sucesso com seus produtos, principalmente, com os populares Trinoz e Rhum Creosotado, com todo o seu plano de divulgação.



Rhum Creosotado
 DE
 ERNESTO SOUZA
 Bronchites, asthma, rouqui-
 dão, coqueluche
 fraqueza pulmonar



VISTO DE PERTO
 Um casal joga os dados á borda
 do buraco de um velho muro

DE LONGE
 E olhando para o alto do buraco,
 a horrenda caveira de quem
 morreu por não usar

RHUM CREOSOTADO
 DEPOSITO
84 Rua do Hospicio 84

Fonte: O Malho, 1902
<http://memoria.bn.br/>

Não ha mais tosses nem asthma,
 Qualquer um fica curado
 De um modo tal que até pasma
 Só com o Rhum Creosotado.

Fonte: O Malho, 1903
<http://memoria.bn.br/>



8 **A CANÇONETA**

PULMONAL

Cura tosse, bronchites, asthma, fraqueza pulmonar
NÃO CONTÉM COCAINA, DESPERTA E AUMENTA O APETITE
PREÇO 3\$000
VENDE-SE EM QUALQUER PHARMACIA

CHARUTOS MILHAZES

Os melhores charutos feitos á mão, com puro fumo BAHIA, recomendam-se aos bons fumantes.

A VENDA
EM TODAS AS BOAS CHARUTARIAS

O AGENTE:
MANOEL GONÇALVES MAIA



— Sim, senhor, que elegancia! Onde papae comprou essas roupas tão lindas para vocês?
— Pois não sabe, titia! Foi na casa Mendonça, á rua Gonçalves Dias n. 8, E, sabe por quanto? por 25\$! E para uso de casa e collegio. Tem vestuarios de todos os feitios, desde o preço de 8\$ até 15\$ e muitas outras roupinhas para meninos de 2 a 12 annos.
— Pois vende tão barato?!
— Se vende! Tanto que o papae diz não haver outra casa que possa competir com os preços e sortimento da casa Mendonça.

DYSPEPSIAS

Arreves fadidos, enxaquecas, má hálito, emmoção, náusea e todos os males do estomago, curam-se com a

GALANGA

—(E!)—
ERNESTO DE SOUZA
que tem feito verdadeiros prodigios, sendo hoje reputado o unico remedio efficaz

Deposito: Rua Gonçalves Dias n. 57

BORICAMPHOR

SABÃO LIQUIDO EM VIDROS

Formula do Dr. FRANKLIN DE LIMA, approvada pela Directoria Geral de Saude Publica

E' um poderoso especifico para queimaduras, sarras, empigens, dores rheumaticas, mordeduras de insectos venenosos e para curar DARTHROS HUMIDOS E SECCOS, assim como para lavagem das creanças recém-nascidas, adicionando-se uma pequena quantidade no sabão.

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias e casas de perfumarias, etc.

DEPOSITO DE CALÇADO NACIONAL
E
ESTRANGEIRO
PARA HOMENS
E SENHORAS

CASA DO LAGE
ANTIGA CASA DO FERREIRA

2 A
RUA DOS ANDRADAS
PROXIMO AO LARGO DE S. FRANCISCO
DOMINGOS LAGE & COMP.

PHOTOGRAPHIA

Grande sortimento de material photographico, recebido directamente; machinas, chapas, papéis e productos chimicos, etc., etc.

Acaba de sair do prelo a nova edição do catalogo, contendo as formulas usadas pelos principaes photographos e amadores desta capital e da Europa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

BASTOS DIAS
82 Rua Gonçalves Dias 82
SOBRADO

HORTENCIO DE CARVALHO
CIRURGIÃO DENTISTA
Diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Consultorio: ROSARIO 131 Residencia: BARRA DE REINHOLD 1 B

CASA SANTOS DUMONT

ESPECIALIDADE
EM CALDO DE CANNA, SORVETES

FABRICA DO SALETE, VILA DE GUÁ, ETC., ETC.

A CASA SANTOS DUMONT
E' NO GENERO
a unica na capital do Brazil e frequentada
PELA
MELHOR SOCIEDADE

RUA DO OUVIDOR, 80

TONICO RODRIGUES
PRODIGIOSO PREPARADO
contra a caspa e a queda do cabello. Efeito certo em oito dias. Vende-se em todas as casas de perfumarias

DEPOSITOS: casa Merino, rua do Ouvidor n. 129 e Gonçalves Dias n. 57

TIP. A. FERREIRA, S. VICENTE, S. C.

Fonte: A Cançoneta,
08 de março de 1902
<http://memoria.bn.br/>

Os reclames em forma de versos, nesse citado acima, em quadras, em redondilha maior, foram veiculados nos meios de propaganda e comunicação da época, como em rádios e a frente de bondes, fazendo com que seus produtos, em uma época de preocupação com a saúde, fossem muito populares.

É conveniente comentar que Ernesto de Souza colaborou com várias revistas como *O Malho*, escrevendo reclames comerciais em forma de versos e também poemas, que seriam depois reunidos no livro *Galhardetes*. Colaborando, ainda, com o jornal *A Noite*, assim como *A Cançoneta*,



a maioria desses periódicos, localizados na Rua do Ouvidor, ponto de encontro da elite carioca, até as primeiras décadas do século passadoe, que desde a primeira década do século XIX abrigava os principais jornais do Brasil, como, “em 1902 *O Malho*; dirigido pelo desenhista C. Amaral e com Kalixto como seu primeiro caricaturista, e entre outros semanários o *Ruado Ouvidor*, pioneiro dos nossos concursos de beleza feminina”. (GERSON, 2000, p. 44).

Ernesto de Souza foi um grande intelectual e fomentador da cultura de seu tempo, tanto nos ramos da dramaturgia, composição e musicista, tendo em seu círculo de amizade nomes como Chiquinha Gonzaga, Arthur Azevedo, Ernesto Nazareth e Catulo da Paixão Cearense, quanto na imprensa, como em *A Cançoneta*, onde foi diretor e colaborador, representando, com bastante humor, o seu tempo, um período de dilemas e incertezas em uma República, recentemente proclamada a as mudanças dos hábitos de toda uma sociedade, contaminada pela Belle Époque, estando Ernesto, fazendo parte, inclusive da visão da saúde daquele período, no ramo da farmacologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da proposta de elaborar um periódico que abordava o cotidiano com humor e variedades, *A Cançoneta* conseguia alcançar o objetivo de retratar uma época, de transição, inclusive com muitas dúvidas e incertezas, quando até os apoiadores da República apresentavam insegurança em relação ao novo regime de governo.

Mesmo pouco conhecido pelos estudos históricos, *A Cançoneta* marcou uma época, descrevendo, de uma forma bem humorada, as



transformações da sociedade da época e todos os seus costumes, mais especificamente da burguesia, que acompanhando as modificações, tentava, a todo custo se modernizar.

Ernesto de Souza, diretor e colaborador do periódico, foi um homem do seu tempo, em um período de anseios, na virada do século XIX para o XX e na transição de regimes governamentais, com seus reclames de farmacologia, em formas de versos, em uma sociedade que também buscava cuidar da saúde, em um processo civilizatório.

Conforme afirmava Marshall Berman:

O modernismo do subdesenvolvimento é forçado a se construir de fantasias e sonhos de modernidade, a se nutrir de uma intimidade e luta contra miragens e fantasmas. Para ser verdadeiro para com a vida da qual emerge, é forçado a ser estridente, grosseiro e incipiente. Ele se dobra sobre si mesmo e se tortura por sua incapacidade de, sozinho, fazer a história, ou se lança a tentativas extravagantes de tomar para si toda a carga da história. Ele se chicoteia em frenesim de auto-aversão e se preserva apenas através de vastas reservas de auto-ironia. Contudo, a bizarra realidade de onde nasce esse modernismo e as pressões insuportáveis sob as quais se move e vive — pressões sociais e políticas, bem como espirituais — infundem-lhe uma incandescência desesperada que o modernismo ocidental, tão mais à vontade nesse mundo, jamais conseguirá igualar. (BERMAN, 1982, p.220)

Assim, *A Cançoneta*, começou e terminou seu ciclo de jornal de família cumprindo seu breve objetivo na então sociedade carioca que o acolheu e se divertiu com suas anedotas diárias, deixando seu pequeno legado histórico ao marcar uma época em que se construía o que nós chamamos de modernidade.



REFERÊNCIAS:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais.** Brasília: UCITEC, 2008.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade.** Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CHALLOUB, Sidney, **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CURY, Maria Zilda Ferreira. O avesso do cartão-postal: João do Rio perambula pela capital da república. In: **Literatura e Sociedade**(USP), v. 1, n. 1, pp. 44-53, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/l/article/view/678>.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil.**São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

GERSON, Brasil. **História das ruas do Rio (e da sua liderança na História política do Brasil).**Rio de Janeiro: Lacerda Ed, 2000.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991.** Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

NASCIMENTO, Luciana. **A cidade de Papel.** Rio Branco/Ac: EDUFAC, 2011.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2008.

RAMA, Angel. **A cidade das Letras.** Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.



SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso:** a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SENNET, Richard. O tumulto da vida pública no século XIX. In:_____ **O declínio do homem público. As tiranias da intimidade.** Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.